

Paz, a palavra de ordem dos cabos eleitorais.

Veja por outra um carro podia passar velozmente deixando um grito no seu rastro: "Maluf neles!" Fora isso, nenhum visível antagonismo. De Perdizes, entre a PUC e o Colégio Batista, passando pelo Club Athletico Paulistano, até a periférica Vila Matilde, a convivência tranqüila entre a militância era a mesma. Petistas e tucanos dividiam as calçadas como se pertencessem a um mesmo partido, com intervalos bem-humorados para sessões de slogans. Brizolistas eram muito poucos para serem notados, assim como os raros propagandistas de Freire. Partidários de Afif, um pouco mais distantes desse **melting-pot** esquerdista, desafiavam a matemática das pesquisas garantindo que com Deus ainda chegariam lá — mas sem desfazer de ninguém por causa disto. Os contratados pelos comitês de Collor tratavam de garantir seu cachê e os dois lanches, entregues em kombis, sem qualquer aparente paixão por seu contratador — como profissionais cumprindo uma tarefa. E os malufistas preferiram não descer dos seus automóveis panfletados para o corpo-a-corpo com o possível eleitor indeciso.

Na rua Monte Alegre, Perdizes, o tucano Moacir Guimarães Mendonça, 30 anos, programador de computadores, coordenava outros 22 **boqueiros**. Sem grande trabalho: "Todos aqui, e em outros locais de votação, sabem o que fazer, sabem a distância a que devem ficar, e sabem como abordar ou não um eleitor. Em princípio, nós nunca insistimos com quem nos diz que já tem candidato. E nessa eleição não há espaço para grandes indecisões". Moacir, assim como sua colega Leonor Cristina, 25, bióloga, começou a trabalhar às sete e meia da manhã. À noite, os dois ainda iriam acompanhar a abertura das primeiras urnas. Sem nenhum pagamento, garantem. "O que eu fiz foi combinar com o diretório aqui do bairro uma ajuda de NCz\$ 15,00 para o lanche dos outros." Nem Moacir nem Cristina admitem votar em Lula ou Collor no segundo turno: "Talvez Brizola, senão anulo meu voto".

Do outro lado da rua, os petistas Evelise, 18 anos, 3º colegial, e o baiano Edvaldo, 26, professor de Filosofia, também estão impressionados: "Todo mundo parece civilizado, democrático e tranqüilo. Mesmo quem não vota em Lula conversa com a gente numa boa a não ser os malufistas, que não apareceram". Evelise anula seu voto se Lula não estiver no segundo turno. Edvaldo vota "num candidato de esquerda, se bem que é esquisito falar em esquer-

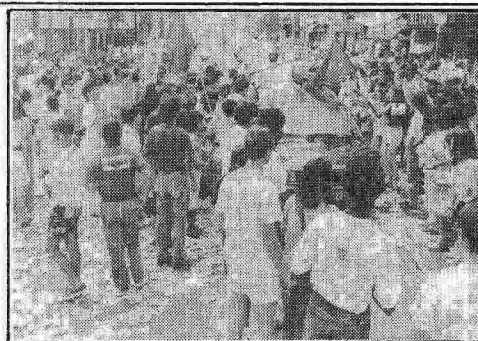


Os boqueiros do PT, trabalhando "por amor" e para a "democracia". E confirmando a calma desta eleição.

da quando se trata de Covas ou Brizola". Ambos garantem que não ganham nada, nem eles nem qualquer boqueiro do PT: "Aqui ou na periferia, é tudo por amor. Nosso pagamento é a consciência democrática".

Maicon Ribeiro da Silva, 15 anos, garante também que tem muito amor para dar a seu candidato Collor de Mello enquanto pára na esquina atento à Kombi que deve trazer material de propaganda e seu lanche — suco de limão, dois pãozinhos e uma maçã. O candidato retribui este amor: além do lanche, Maicon, estudante da oitava série, que já trabalhou para Maluf na eleição para a Prefeitura, receberá NCz\$ 70,00 para trabalhar até 17h.

Na PUC, no meio de uma pequena confusão do trânsito, o som das castanholas de Luiz Carlos Gomes, 21 anos, atrai muito mais do que qualquer buzina. "Aprendi a tocar sozinho, ganhei de um amigo. É meu jeito de levar o Covas lá." Diz que não vai ganhar nada: "nem mesmo dinheiro para o lanche". Do seu lado, cabelos louros e compridos, Nery, 31 anos, um filho, funcionário da USP, camiseta e bandeira do PT: "Já trabalhei na periferia



Nas ruas, espaço para todos, sem brigas.

em outras eleições, até prefiro, acho que lá o trabalho de boca-de-urna é mais importante. Um brizolista me mandou tomar no... mas fora isso aqui está uma calma-ria". Tanto que a psicóloga Neusa Vaz Macia levou junto seu filho Julinho, seis anos, para ajudá-la na panfletagem tucana.

Em frente ao Paulistano há um aparente predomínio de Covas e Afif. Mas vestida de vermelho, chapéuzinho de palha coberto de estrelinhas e adesivos petistas, Vavy Pacheco Borges e sua amiga Maria José Trevisan são uma espécie de choque petista. Professoras de História na USP, moradoras dos Jardins. "Faço questão de

me mostrar aqui como sou, casada, avó e rica, sim, para mostrar que o PT não é só um partido de despossuídos, de pobres. Ou a a gente muda o Brasil agora por bem, ou as coisas vão ficar ruins para todo mundo. Meu irmão é industrial e também vai votar no Lula", diz Vavy. A dupla enfrenta com humor acusações de desvio e traição feitas por amigos e conhecidos: "Eles ficam nos dizendo que se o Lula ganhar vamos perder tudo... Já fiz muita panfletagem na periferia, era bem mais fácil".

Na Vila Matilde, 34ª Zona Eleitoral, as assistentes sociais Naime Medeiros Maia e Márcia Paixão acham que a geografia não faz diferença: "É tudo feito com o mesmo amor, a mesma paixão. Vamos tomar água na casa de um petista ali na frente, outro que mora na vizinhança de repente pode aparecer com um sanduíche, uns levam os outros para almoçar — a coisa é sempre assim. Isso é bom, reforça nossa militância. E o débil mental do Caiado ainda diz que o PT fez campanha milionária...".

Cinco metros à frente, o ex-petista Alcimair Gilbert, lenço vermelho no pescoço, faz boca-de-urna para Brizola e inveja "essa maravilhosa militância do PT, que nós

ainda não temos igual. Mas eu deixei o PT por coerência, porque mesmo quando estava lá sonhava com Brizola presidente. Acho que a sociedade brasileira ainda não está preparada para Lula, votar nele é dar muita sopa pro azar". Essa sopa não preocupa os militantes do PV da Vila Ré, integrantes do Grupo Cultural Reversão, que tem até uma rádio. Votam em Lula no segundo turno, mas são fãs mesmo é de Ga-beira. Juntam-se em torno de uma kombi pilotada por Leo Tomaz. Alguns chegam de moto, braços nus, tatuagens, símbolos, um pouco como os **Hells Angels**, porém pacíficos: Capitão Fromer, João Weissmuller, Pateta, Graça Maria, Nelson. Ainda festejam o primeiro aniversário do Reversão, sexta passada, com visita de Ga-beira e tudo.

Igualmente inesperada é a panfletagem para Freire numa esquina próxima: a loura Ana Maria, 3º colegial, da Vila Mariana; a baixinha Cláudia ("já votei PT mas agora não estou a fins"), que estuda jornalismo e veio de Santos para a eleição; a adolescente Bettina, 16 anos: "Votamos no melhor e essa boca-de-urna é importante porque Freire vai ter papel fundamental na negociação dos acordos para o segundo turno". Rosalina, Daniela e Fábio, todos com 14 anos e escolaridade mínima, não têm a menor idéia do que seja isto: são boqueiros de Collor, satisfeitos com a camiseta, os saquinhos de lanche e a promessa de NCz\$ 50,00 no final do dia. Garantem que estão torcendo pelo candidato, ao contrário do outro grupo de uniforme colorido logo à frente: Joelma, Riclei, duas Rita de Cássia, Silvana, Silvia, Carlos, Tânia, Miriam. Só uma das Rita votou em Collor. Os outros se dividiam entre Maluf, Afif, Covas — sem paixão ou convicção. Contentes com os sanduíches ("no meu pacote veio três, nos outros só dois", festeja Riclei, 16 anos), mas temerosos de que a kombi não passe na esquina combinada para entregar os NCz\$ 50,00 prometidos.

Mais convicção havia no adolescente José Joaquim, 17, trabalhando para Afif — "ele é mesmo o melhor, o que me convenceu mais", garantia. Trabalhava desde sete da manhã, "mas eles nos dão uma força, passam com água, sanduíche e ainda prometem NCz\$ 40,00. Não é ruim pra um dia só, não é?" José mal acabara de fazer essa revelação quando seu colega Augusto Ferreira Filho, 23, "metalúrgico, mas não petista", entra na conversa para dizer que "tudo aqui é feito por amor, porque acreditamos no Afif. Não tem nada de dinheiro correndo!"